

Apresentação de *Medicina teológica (1794)*
Francisco de Melo Franco
Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Fundação Biblioteca Nacional,
2008. 152 p.

Apresentação

Marco Lucchesi

Francisco de Melo Franco publicou em 1794 um livro polêmico na história da medicina em língua portuguesa. O título era um programa: *Medicina theologica*; ou, *Supplica humilde, feita a todos os senhores confessores, e directores, sobre o modo de proceder com seus penitentes na emenda dos peccados, principalmente da lascívia, cólera e bebedice*. A obra tendia mais para a medicina do que para a teologia, em que pese a força do título. Afrânio Peixoto e Affonso Arinos consideravam Melo Franco – não sem uma dose de exagero – como o antecessor de Freud, em virtude de certos aspectos psicossomáticos que despontam em sua difusa medicina. O fato é que o livro provocou grande escândalo e a edição foi apreendida, sem que se descobrisse ao certo quem o escrevera. Cinco anos depois, frei Manoel de Santa Anna responde àquela obra, publicando as *Dissertações Theologicas Medicinaes para que não se contaminem com os abominaveis erros de um livro intitulado Medicina Theologica cujos erros refuta nesta obra*.

A vida de Francisco de Melo Franco é bem conhecida e aparece em verbete de Sacramento Blake. Nascido em Paracatu, Minas Gerais, em 1757, começou seus estudos aos doze anos de idade, no seminário de São Joaquim, no Rio de Janeiro, e os concluiu em Coim-

bra, em cuja universidade se bacharelou em Medicina. Seu poema *O reino da estupidez* circulava em cópias manuscritas desde 1785, tendo como personagens a Raiva, a Superstição, o Fanatismo e a Estupidez, que pareciam tomar conta de Portugal depois da queda de Pombal:

— Muito ilustres e sábios acadêmicos!
Por direito divino e por humano,
Creio que deve ser restituída
À grande Estupidez a dignidade
Que nesta Academia gozou sempre.

Acusado de *nutrir ideias contrárias à religião*, Melo Franco “foi preso pelo Santo Ofício, em cujos cárceres viveu por quatro anos, acusado de herege naturalista, dogmatista e por negar o sacramento do matrimônio, sendo também presa uma jovem – a quem amava e com quem se casara depois de livre”. Designado mais tarde como médico da Real Câmara, segue para o Brasil, acompanhando a arquiduquesa Maria Leopoldina, que seria esposa do príncipe regente. Em virtude de suas idéias liberais, deixou de ser bem visto no Paço, falecendo em Ubaituba, no ano de 1823.

A paisagem da *Medicina teológica* aponta para o quadro de mudanças da ciência hipocrática na segunda metade do século XVIII.

Houve como que um primeiro distanciamento da visão cartesiana, segundo a qual as funções do corpo formavam um complexo de movimentos químico-mecânicos, dependentes de princípios matemáticos. Ainda com Boerhave, o corpo era uma rede de tubulações, feita de canos e vasos, que encerravam todos os líquidos do organismo. Foi preciso abandonar a ideia de uma *machina carnis* para alcançar um debate sobre a *vitalidade* com Hunter ou Boissier – no trânsito da teoria dos humores para a química médica ou iatroquímica. E nessa mudança, *a alma* – mais que simples fantasma da máquina cartesiana – havia de ser o véículo da fisiologia, sempre em guarda contra as doenças. O que antes pertencia apenas à teologia, deslocava-se – com outras e mais diversas feições – para a medicina. Foi apenas em 1818 que Heinroth cunhou pela primeira vez o conceito de psicossomática, elaborando um painel abrangente sobre as assim chamadas *doenças da alma*. Os tratados anatômicos da melancolia e da saudade voltariam a ocupar um lugar discreto neste cenário. A partir de *A interpretação dos sonhos*, em 1900, Freud seria a pedra limiar de todo esse processo.

A obra de Melo Franco fica assim mais associada a seu tempo e mais compreensível, dentro da história social da medicina, tal como a entende Roy Porter.

Dirigida aos confessores – mais como estratégia, para ocupar um espaço científico livre, além da teologia ou da medicina pura, mas *entre ambas as ciências* – “médicos do espírito”, Melo Franco estabelece uma relação de interde-

pendência entre a “medicina do corpo e da alma”. A neurologia – a natureza dos nervos, sua estrutura e disposição – inaugura e promove a sua concepção médico-teológica. Os nervos “são uns cordões que tomam a sua origem do cérebro e da medula espinhal, e se distribuem por todas as partes do corpo”. Eis o atlas a que os confessores devem ter acesso, o mapa-múndi de uma linguagem mecânica e hidrostática, tornada mais sutil à medida que as doenças da alma tomavam parte nessa geografia. Não havia como reduzir a saudade a uma deficiência mecânica ou matemática.

Os transtornos da alma eram diversos e deviam ser atacados a partir de drogas que atuavam sobre os nervos, fossem aquelas antiafrodisíacas ou vitriólicas, interpoladas com absorventes e alcalinos.

Para Melo Franco, a saudade é doença do amor em geral: “Um grande amor, uma grande saudade, uma grande cólera, quase sempre são sintomas nervosos mais funestos e horríveis”. A saudade simples não apresenta maiores dificuldades. A pior de todas é a saudade complexa, seguida por febre terçã e outros graves sintomas.

À erotomania, ou loucura amorosa, reserva-se um capítulo especial, protagonizado por Dom Quixote, que via por toda parte a sua Dulcineia – resultado de um grande poder da imaginação associado aos nervos. E as receitas variam e quase todas servem, pelo amargor de que são dotadas, como matéria de penitência. Usavam-se papoulas brancas e vermelhas. Tampouco faltavam limões e açafraão. Mas já não era aquele o tempo das receitas poéticas do doutor Curvo Semedo e de sua maravilhosa *Polianteia medicinal*, cujos ingredientes barrocos formavam um misto de beleza e excesso, medicina prática e alquimia.

Melo Franco busca a *panaceia geral*, que para ele vive na alegria do coração.

Temos nesta obra uma rara contribuição para o debate do saber médico na passagem do século XVIII para o XIX e o lugar possível, dramático e necessário da subjetividade – como lembra Canguilhem – desafio que não cessa de crescer dentro do que se espera de uma prática médica mais atenta e sensível.

MARCO LUCCHESI

Professor de literatura italiana e comparada na pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil). É membro do Pen Club, da Sociedade Brasileira de Geografia, da Sociedade de Estudos Clássicos, da Sociedade de Literatura Comparada e da Academia Fluminense de Letras. Colabora eventualmente com diversos jornais e revistas, como *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Entre as várias honrarias recebidas estão a medalha da Camera di Commercio di Lucca, o Mérito da União Brasileira de Escritores, a medalha Tiradentes e a medalha Geraldo Bezerra de Menezes.
e-mail: marlucchesi@aol.com